

DISCURSO, MEMÓRIA E ACONTECIMENTO: A DISSEMINAÇÃO DO MEDO NA MÍDIA

Claudemir Sousa*
Francisco Vieira da Silva**

RESUMO: Neste artigo, refletimos acerca da relação entre acontecimentos discursivos e a memória que os enlaça. Para tanto, discutiremos o papel da mídia na produção, disseminação e manutenção do medo através de narrativas e imagens presentes em notícias que circulam em diferentes meios de informação, a partir da análise de uma postagem veiculada na página do Jornal Folha de S. Paulo na rede social *Facebook* sobre a explosão num prédio do Rio de Janeiro, em 18 de maio de 2015, na qual há referência ao ataque às Torres Gêmeas em Nova Iorque, em 11 de setembro de 2001. Ancoramo-nos nas discussões de Foucault (2008) sobre o enunciado e sua inscrição em um domínio de memória, e de Courtine (2008) acerca da disseminação do medo nos discursos contemporâneos, dados a ver nas diversas instâncias midiáticas.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso, enunciado, acontecimento, medo.

ABSTRACT: In this article, we will reflect on the relationship between discursive events and the memory that connect them. For this, we will discourse about the media's role in the production, dissemination and maintenance of fear through narratives and images present in news that circulate in different information means, from the analysis of a post conveyed on the page of the newspaper Folha de S. Paulo, in the social network Facebook about the explosion in a building in Rio de Janeiro, on May 18, 2015, in which there is reference to the attack on the World Trade Center in New York on September 11, 2001. Our work is anchored in Foucault's (2008) discussion on the statement and its enrollment in a memory domain, and Courtine's (2008) about the spread of fear in contemporary discourses that circulate in the information device.

KEYWORDS: discourse, statement, event, fear.

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa (PPGLLP), da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", *Campus* de Araraquara-SP (UNESP-Ar); Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduado em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal do Maranhão. Membro do Grupo de Pesquisa em Linguagem e Discursos (GPELD) e do Grupo de Estudos do Discurso de Araraquara (GEADA). Contato eletrônico: <claudemir201089@hotmail.com>.

** Professor Substituto da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* de Patu, RN. Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Graduado em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba. Membro do Círculo de Discussões em Análise do Discurso (CIDADI). Contato eletrônico: <franciscovieirariacho@hotmail.com>.

O medo tem muitos olhos e enxerga coisas no subterrâneo (Miguel de Cervantes).

Considerações introdutórias

No dia 18 de maio de 2015, mais um acontecimento irrompeu e se instalou no espaço da mídia: uma explosão em um prédio residencial no Rio de Janeiro (RJ), provocada por vazamento de gás de cozinha. O funesto acontecimento atingiu vários imóveis, deixando alguns moradores feridos. Esse acontecimento repercutiu no decorrer da semana, como também no período seguinte, tendo em vista a emergência de novas informações sobre o caso, sendo apresentadas incessantemente nos diferentes veículos de informação, alimentando hipóteses sobre o que teria provocado tal desastre. É desse modo que a mídia produz um espetáculo a partir de acontecimentos trágicos, inscrevendo-o na história e no espaço da memória discursiva das tragédias urbanas.

A intensa circulação de notícias dessa natureza instala entre nós uma atmosfera de constante pavor e alerta, pois nos remete, por exemplo, a cenas de atentados terroristas, que ocorrem com grande frequência em diversos países e se difundem globalmente em variados dispositivos midiáticos, exercendo uma espécie de controle, ou até mesmo de governo, sobre nós, alertando-nos para os riscos, mas também nos coagindo, amedrontando-nos, diante da possibilidade de sermos vitimados pela crescente onda de violência urbana. Assim, o lampejo dos filmes que retratam essas questões parece ser cada vez mais real. Concordamos com Gregolin (2003), quando afirma que as fronteiras entre o real e o ficcional foram sensivelmente abaladas, a partir do ataque de 11 de setembro de 2001, dada a cobertura midiática em tempo real e a proliferação maciça das imagens desse acontecimento, sob os diversos ângulos. Diante da profusão dessas imagens, muitos atônitos se perguntaram: *isso está realmente acontecendo?*

Frente a tal discussão, com este estudo, pretendemos analisar essa difusão do medo em notícias que a mídia põe em circulação, a partir da já referida postagem sobre a explosão de gás num prédio no Rio de Janeiro, que circulou na página do *Jornal Folha de S. Paulo* no *Facebook*, na manhã de 19 de maio de 2015, um dia após a consecução da tragédia.

Nela, há remissões ao já mencionado ataque de 11 de setembro de 2001 às *Torres Gêmeas* (também usaremos o nome em inglês *World Trade Center*) em Nova Iorque.

Ancoramos nosso trabalho na Análise do Discurso, sobretudo nas reflexões de Foucault (2008) sobre o enunciado e sua inscrição em um domínio de memória; e de Courtine (2008), acerca da disseminação do medo nos discursos contemporâneos que circulam em diversos veículos midiáticos, o que nos possibilitará inserir a postagem em um domínio associado de enunciados sobre desastres análogos, com vistas a analisar a genealogia de medos relacionados a esse tipo de acontecimento, no decurso da história.

1. No rastro da arqueologia foucaultiana: do enunciado ao arquivo

O campo escolhido para realizar esta reflexão é a Análise do Discurso (AD), a partir de uma perspectiva que compartilha com a arqueologia de Foucault a preocupação com o discurso e a História, na qual o objeto de análise é o enunciado, tomado como a unidade do discurso. Nesse percurso teórico, trataremos das duas noções que norteiam este trabalho, quais sejam: o enunciado, a partir das formulações foucaultianas, bem como a memória dos medos, ancorando-nos nas formulações de Courtine (2008).

Para Foucault (2008), o enunciado não é uma estrutura, é uma função de existência dos signos. Diferentemente da proposição, da frase e do *speech act* (ato de fala), o enunciado possui uma singularidade de existência (nem inteiramente linguístico, nem exclusivamente material) e uma importância fundamental para que se diga se há ou não proposição, frase ou ato de linguagem. Há quatro propriedades que o caracterizam e servem para diferenciá-lo das demais unidades já mencionadas.

A primeira delas, apontada por Foucault (2008), é a existência de um sujeito cuja posição pode ser assinalada, que não é necessariamente o sujeito gramatical de primeira pessoa, pois é uma função determinada e não coincidente consigo mesmo de um enunciado a outro, na medida em que é uma função vazia. Tal função pode ser assumida por diferentes indivíduos, e um mesmo indivíduo pode ocupar diferentes posições em uma série de enunciados, assumindo o papel de diferentes sujeitos, todos historicamente situados. Outra característica desse conceito é o fato de o enunciado possuir uma relação específica com "outra coisa" que se refere a ela mesma, e não ao que lhe deu origem, nem aos elementos que

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

a constituem, ou seja, o enunciado possui um *referencial*, que é o campo onde emerge e que delimita suas condições de aparecimento.

O enunciado também é caracterizado por um *domínio associado*, constituído por uma trama complexa de formulações no interior das quais ele é um elemento; por um conjunto de formulações às quais se refere, seja repetindo-as, modificando-as, adaptando-as ou se opondo a elas; pelas formulações a que dará origem, que podem vir após ele; e pelas formulações cujo *status* é compartilhado pelo enunciado, entre as quais toma lugar sem consideração de ordem linear, com as quais se apagará, ou com as quais, ao contrário, será valorizado e conservado, oferecido como objeto possível a um discurso futuro.

Essas formulações que fazem parte do campo adjacente do enunciado coexistem com ele em um espaço historicamente delimitado, o que põe o enunciado em relação com a historicidade, ao lhe apresentar relações possíveis com o passado e abrir um futuro eventual. Além disso, Foucault (2008) afirma que o enunciado necessita de uma *existência material*, constituída por uma coordenada de espaço e tempo no qual se realiza e também um *status*. Se essas características mudam, a própria identidade do enunciado é sensível de se modificar. Ele é caracterizado por um *regime de materialidade repetível*, pois sua materialidade possibilita que possa ser repetido, apesar de ser caracterizado por um acontecimento, que é da ordem do irrepetível. Assim, o enunciado possui uma singularidade e uma repetição.

Para a análise do enunciado, Foucault (2008) propõe que se leve em conta um efeito de *raridade*, pois o discurso é um objeto de luta, e isso determina que nem tudo pode ser dito, e o que se diz é regulado por uma *ordem do discurso* (FOUCAULT, 2007). Estabelecer a lei da raridade dos enunciados compreende o fato de que nem tudo é sempre dito, e se algo é dito é, pois, raro. Por isso, deve-se determinar o fato de justamente esses enunciados aparecerem, e nenhum outro em seu lugar. Os enunciados estão sempre em falta, devendo-se buscar o princípio da rarefação no não-preenchimento das formulações possíveis.

Essa análise também leva em conta a *exterioridade*, buscando reencontrar o exterior em que se repartem os acontecimentos discursivos. A exterioridade restitui aos enunciados a sua dispersão, para analisá-los e considerá-los em sua descontinuidade, apreender sua irrupção enquanto acontecimento e também supõe que se descrevam as diferentes formas da subjetividade presente no enunciado. “‘Não importa quem fala’, mas o

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão
que ele diz não é dito de qualquer lugar. É considerado, necessariamente, no jogo de uma exterioridade” (FOUCAULT, 2008, p. 139).

Além disso, a análise se engloba formas de *acúmulo*, que são as formas de sua *conservação*, e não um retorno ao seu passado. Por isso, deve-se levar em conta a remanência dos enunciados, que diz respeito à conservação derivada de suportes materiais, como o livro, de instituições, como a biblioteca e de modalidades estatutárias que determinam o que merece ser conservado. Há um grau zero de conservação, que é o *esquecimento*. Há também as relações que os enunciados estabelecem com outros enunciados. Pela *aditividade* eles coexistem com outros em suas diferentes naturezas, e pela *recorrência* os enunciados se situam em relação a um campo de elementos antecedentes. Assim, é no acúmulo que se encontra o fio da temporalidade dos discursos. Ele põe em jogo as relações entre memória e esquecimento, conservação e apagamento de enunciados.

A análise enunciativa nos põe diante de enunciados dispersos. Quando encontramos as *regularidades* dos *acontecimentos discursivos*, estamos, segundo Foucault (2008), diante da sua *positividade*, que caracteriza a unidade enunciativa através do tempo, ultrapassando limites de obras individuais, livros e textos e permite dizer que se trata de um mesmo tema, em um mesmo terreno, ou seja, possibilita a autores diferentes tratarem de um mesmo tema, criticarem-se e estabelecerem diálogos, sem que saibam de tais relações. Juntamente com o exercício da função enunciativa, essa forma de positividade “define um campo em que, eventualmente, podem ser desenvolvidos identidades formais, continuidades temáticas, translações de conceitos, jogos polêmicos. Assim, a positividade desempenha o papel do que se poderia chamar um *a priori* histórico” (FOUCAULT, 2008, p. 144), ou seja, a condição de emergência do enunciado, seu modo específico de ser, de coexistir com outros enunciados, se transformar e desaparecer. Um *a priori* das coisas efetivamente ditas e dispersas que não coincidem, pois se substituem, e por isso têm uma história que não é de um só sentido ou uma verdade.

Foucault (2008) afirma que as *práticas discursivas* instauram os sistemas de enunciados enquanto acontecimentos e coisas, constituindo o que ele chama de *arquivo*, afastando dessa noção o acúmulo de massa de textos e documentos ou as instituições responsáveis por esta tarefa. “Trata-se antes, e ao contrário, do que faz com que tantas coisas

ditas por tantos homens, há tantos milênios, não tenham surgido apenas segundo as leis do pensamento, ou apenas segundo o jogo das circunstâncias” (FOUCAULT, 2008. p. 146). O arquivo é a lei do que pode ser dito, que define a singularidade dos enunciados e constitui um nível particular de prática discursiva. O arquivo não pode ser descrito em sua totalidade, já que é no interior dele que falamos. Esse é o conceito mais amplo da análise proposta por Foucault (2008) na *Arqueologia do Saber*. É o centro em torno do qual gravitam os outros conceitos operatórios e dele deriva a análise ‘arqueológica’, que permite escavar do passado as condições de emergência dos enunciados, conforme podemos observar na seção seguinte.

2. Imagem, memória e medo nos discursos líquidos da mídia

Ao refletir sobre a mutação das discursividades contemporâneas, Courtine (2008) aponta o ataque às *Torres Gêmeas*, em 11 de setembro de 2001, como um acontecimento que indicou a entrada num outro universo de discurso, em que a circulação de imagens e palavras é marcada pela globalização dos fluxos econômicos, pela redistribuição dos antagonismos políticos e pela difusão dos medos e das ameaças. As transformações políticas refletiram-se na produção e circulação dos discursos e tiveram um alcance global. O impacto disso na AD foi a percepção de que os “discursos em estado sólido”, caracterizados por esse autor como “conjuntos anônimos, repetitivos, compactados e saturados de enunciados” (COUTINE, 2008, p. 12), deram espaço aos “discursos líquidos” das novas tecnologias midiáticas.

Courtine (2008) aponta como fatores responsáveis pela metamorfose do discurso político as reviravoltas das mídias de transmissão, dos modos de circulação e recepção e os dispositivos de espetacularização desse tipo de discurso. Além disso, outras transformações históricas incidiram sobre esse quadro, como o declínio da classe operária tradicional, do Partido com o qual ela estava historicamente ligada, o recuo do marxismo no universo intelectual, a falência do regime soviético e a onda propagada pela demolição do muro de Berlim, em 1989 – acontecimento que pôs fim à época histórica na qual os regimes discursivos políticos estavam organizados de acordo com a divisão do confronto ideológico Leste/Oeste – momento histórico no seio do qual a AD nasceu.

A partir de então, vivemos numa época de “recobrimento da fala pública pelas estratégias discursivas da sociedade de consumo” (COURTINE, 2008, p. 13), um dos efeitos

da globalização, que acelera em escala planetária a anexação de setores inteiros da esfera cultural como produtos de consumo, fazendo o sujeito comum se apagar no consumidor, e do discurso uma mercadoria. Vivemos na era das línguas de vento, as quais são “instáveis e fluidas” (COURTINE, 2008, p. 16). Ao se falar em língua aqui, “não é da *língua* que está se tratando, mas de *discurso*, quer dizer, de uma ordem própria, distinta da materialidade da língua, no sentido que os linguistas dão a esse termo, mas que se realiza na língua” (*idem*). O discurso não é da ordem gramatical, mas da ordem do enunciável. Nesse sentido, Courtine (2008, p. 18) postula que, “para trabalhar com a categoria de discurso, é necessário ser linguista e deixar de sê-lo ao mesmo tempo”.

Para esse autor, um dos aspectos da vida líquida dos discursos é no lugar dos enunciados solidamente acumulados e empilhados na memória, os discursos passam a ter data de validade, são descartáveis, “de onde deriva sua deterioração precoce, a aceleração de sua reciclagem, a transformação rápida das fórmulas e dos programas, de ontem, em refugos, de hoje” (COURTINE, 2008, p. 15). A mídia é atravessada e saturada por imagens que possuem um grande impacto e uma inevitável obsolescência.

Na AD brasileira, as imagens ganharam seu lugar de destaque, o que nos leva a concordar com Courtine (2008, p. 17) que “é impensável que pretendamos ainda hoje separá-las [as palavras] das imagens – imagens fixas e imagens em movimento – e que não consagremos ao funcionamento das imagens e à sua relação com o discurso a mesma atenção que dispensamos aos enunciados verbais”. Para Gregolin, (2007), a análise do texto não-verbal atrelado ao texto verbal abre perspectivas de estudos profícuos em AD, visto que estamos vivenciando um momento em que a sociedade se mostra cada vez mais midiática, e a linguagem da mídia é essencialmente imagética. Por isso, conforme a autora, “os campos da AD e dos estudos da mídia podem estabelecer um diálogo extremamente rico” (GREGOLIN, 2007, p. 13).

Essa preocupação com os discursos que circulam em materialidade sincrética está presente nos escritos de Courtine, quando estuda a imagem a partir de um campo por ele chamado de *Semiologia Histórica*, denominação derivada dos trabalhos de Saussure, mas que não segue a tradição estrutural, pois não toma o signo como parâmetro para analisar outros sistemas (cf. PUECH, 2011). Nesse sentido, Courtine (2011) pensa o funcionamento

discursivo da imagem e sua materialidade na História. A partir da ideia de memória discursiva, o autor desenvolve a noção de intericonicidade, dando à iconicidade um caráter discursivo, no sentido de Foucault (2008). Essa noção foi mobilizada no Brasil por Milanez (2006), e supõe colocar em relação imagens externas, internas, de lembranças, da memorização, das impressões visuais que o indivíduo guarda. Toda imagem faz ecoar imagens vistas ou imaginadas, as quais são inscritas em uma série, uma arqueologia, como o enunciado de Foucault (2008), que deve ser reconstituída a partir dos rastros da genealogia das imagens de nossa cultura.

Para Pêcheux (2006), a AD é um campo do não logicamente estabilizado, dos sentidos opacos, dos equívocos e das falhas. Onde a língua falha, há sentidos que escapam ao controle do sujeito sobre seu dizer. Disso decorre que toda descrição está exposta ao equívoco da língua, pois todo enunciado é suscetível de tornar-se outro, todo enunciado se apresenta como uma série de pontos de deriva possíveis, oferecendo possibilidades para a interpretação, e é nesse espaço que a análise deve trabalhar, colocando em jogo o discurso-outro enquanto presença virtual na materialidade descritível da sequência, que marca a insistência do outro como lei do espaço social e da memória histórica, pois o discurso é dependente da rede de memória e das condições que lhe possibilitam irromper, mas, ao surgir, ele reconfigura essa rede, deslocando as redes de memória às quais se filia.

Nesse sentido, a memória discursiva seria aquilo que vem restabelecer os implícitos de que a leitura de um texto, como acontecimento a ler, necessita. “A condição do legível em relação ao próprio legível” (PÊCHEUX, 1999, p. 52). O funcionamento da memória das imagens em estado líquido “se fundamenta na volatilidade, na efemeridade, na descontinuidade e no esquecimento” (COURTINE, 2008, p. 17), o que evidencia a necessidade da manutenção de um quadro de reflexão histórica, pois não há memória sem história.

A circulação da imagem nas discursividades líquidas contemporâneas, segundo Courtine (2008), elabora formas de dominação políticas e psicológicas sobre os sujeitos que somos. Para Bauman (2005), a vida líquida é vivida em meio a incertezas e medos crescentes: “medo do desemprego, medo da epidemia, medo da insegurança, medo do terrorismo, medo das catástrofes ecológicas ou naturais [...]” (COURTINE, 2008, p. 17). Nas continuidades e

descontinuidades da história (DELUMEAU, 2009), o medo é dado a ver de diferentes modos. No entanto, algumas regularidades são mantidas, haja vista, por exemplo, a emergência do medo como uma forma de controle do corpo e das subjetividades.

Assim, sendo o medo um traço psicológico dominante do indivíduo e da coletividade na idade democrática, questiona Courtine (2008): o acontecimento de setembro de 2001 não constituiu um detonador de algo que já estava instalado na consciência de todos? Para o autor, há fatos que provocam esse pavor, acontecimentos que o desencadeiam, crises que o sustentam, como as agressões, os atentados, as epidemias, as demissões, os contágios, as poluições, etc., mas há também uma produção, uma encenação, uma difusão do pavor, circulando em palavras, narrativas e imagens disseminadas pelos meios de informação, responsáveis por instalar uma inquietude psicológica permanente.

Há, entre nós, uma genealogia de medos, medos hereditários. A mídia, dado o lugar privilegiado que ocupa na sociedade, ao mesmo tempo em que nos diverte, adverte-nos, faz-nos rir e nos deixa em estado de tensão e ansiedade. O dispositivo midiático está sempre tentando nos governar pelo medo: “é chegado o tempo de resistirmos a esse governo” (COURTINE, 2008, p. 18). É sobre isso que refletiremos nas páginas que seguem, a partir da já citada postagem da página do *Jornal Folha de São Paulo*, no *Facebook*.

3. A disseminação do medo na mídia: um trabalho com a memória e o esquecimento

Pensando com Foucault (2008), estamos considerando a postagem que utilizamos como *corpus* um enunciado, caracterizado por sua emergência histórica em um determinado campo: o da mídia, que é o seu *referencial*; produzido por um *sujeito*, cuja posição pode ser determinada, aqui representado pela *Folha de São Paulo* como sujeito produtor desse enunciado, valendo-se das vozes de outros sujeitos, quais sejam: o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, e uma moradora do prédio no qual ocorreu a explosão, identificada como Soraia Mathias, de 49 anos de idade. Além disso, esse enunciado está inscrito em um *campo associado* de acontecimentos trágicos relacionados a prédios em áreas urbanas, entre os quais o atentado de 11 de setembro de 2001 às Torres Gêmeas, que aparece referenciado na superfície discursiva.

O enunciado possui também uma *materialidade*, o que nos permite tomá-lo para análise, pois ele foi efetivamente realizado, numa contingência histórica, constituída pelos sujeitos cujas posições podem ser assinaladas, bem como o local e data de sua produção/circulação. Para analisá-lo, seguiremos os passos de Pêcheux (2006), que trabalha com um batimento entre descrição e interpretação dos enunciados cuja materialidade funde estrutura (da ordem da língua) e acontecimento (da ordem da história). Nesse percurso, também estamos interessados em reconstruir os rastros de memória deixados pela materialidade discursiva, em nosso caso, a memória de acontecimentos que têm o atentado ao *World Trade Center* como desencadeador de pavor em esfera planetária.

Dito isso, no enunciado em análise, apresentado na página a seguir, há uma imagem do prédio onde ocorreu a explosão, localizada na parte central do conjunto verbal-imagético. Na parte superior, além do *logotipo* do veículo midiático, que serve para assinalar o sujeito produtor do discurso em circulação, há a localização espaço-temporal e uma referência à voz oficial contando sua versão das causas da explosão, representada aqui pelo prefeito da cidade do Rio de Janeiro (RJ), Eduardo Paes. Já na parte inferior, observamos, em destaque, a referência a uma voz não oficial, representada pela moradora do prédio, Soraia Mathias, que afirma: “pensei que fosse um novo *World Trade Center*”.

FOLHA de S. Paulo
Yesterday at 12:25pm · 🌐

De acordo com o prefeito do Rio, Eduardo Paes, a explosão deve ter sido provocada por um vazamento de gás. (via Folha Cotidiano)

Pensei que fosse um novo World Trade Center, diz moradora de prédio no Rio

A primeira hipótese que ocorreu a Soraia Mathias, 49, quando ouviu a explosão que atingiu seu prédio em São Conrado, zona sul do Rio, na manhã desta...

WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR

Like · Comment · Share · 476 likes · 46 comments · 45 shares

De início, somos colocados diante do desdobramento da *Folha* em três posições-sujeito: um sujeito institucional, que é o referido veículo midiático; um sujeito social, que é o Prefeito Eduardo Paes; e outro sujeito social, representado pela moradora do prédio. As vozes dos dois sujeitos sociais são trazidas à tona pela voz institucional da *Folha*. Em meio a essa dispersão do sujeito do enunciado, mais precisamente essa heterogeneidade enunciativa (AUTHIER-REVUZ, 2004), interessa-nos exatamente a voz do sujeito ordinário, ou *infame*, utilizando um termo de Foucault (2006).

A materialidade desse enunciado, em seu sincretismo de linguagem, não tem nada de transparente, ao contrário, a forma como foi posto em circulação nos remete, por *intericonicidade* (MILANEZ, 2006), às imagens de nossas lembranças de outros acontecimentos trágicos da mesma natureza. Ao tomá-lo como monumento discursivo (FOUCAULT, 2008), temos que considerar que a própria referência às vozes destes sujeitos, e não às de outros, já produz efeitos de sentidos pretendidos pela instituição que produz o discurso: mais do que informar, ela quer nos alertar, advertir, governar pelo medo, pois, em meio a tantas hipóteses para as possíveis causas de um fenômeno até então desconhecido, a *Folha* escolheu tornar pública uma suspeita que evoca a memória discursiva de tragédias relacionadas a prédios, que já circula há bastante tempo no espaço midiático, de modo a deixar os cidadãos numa constante alerta para a possibilidade de serem vitimados por tragédias similares.

Há, assim, um efeito de *raridade* nesse enunciado, pois se nem tudo pode ser dito, e o que se diz é regulado por uma *ordem do discurso*, ao emergir, ele é raro. Seu aparecimento ocorre num espaço de não-preenchimento de outro enunciado que poderia ter emergido em seu lugar, mas não estava inscrito na *ordem discursiva*. Esse enunciado é determinado pela sua *exterioridade* e descontinuidade, que o fazem irromper como acontecimento não linear e pôr em cena diferentes formas de subjetividade, pois o que se diz é dito de um determinado lugar no jogo de uma exterioridade.

Nas formas de *acúmulo* desse tipo de enunciado, encontra-se o fio da temporalidade dos discursos sobre tragédias relacionadas a prédios, pondo em jogo as relações entre memória e esquecimento, conservação, apagamento, ou seja, a mídia promove

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

a conservação e o retorno (FONSECA-SILVA, 2010) desse discurso, regulando-o por intermédio da *Folha de S. Paulo*, instituição que determina o que merece ser conservado, por meio do estabelecimento das modalidades estatutárias. Esse enunciado estabelece relações com outros pela *recorrência*, situando-se em relação a um campo de elementos antecedentes, que aqui é representado pela recorrência ou citação (COUTRINE, 2006) ao atentado de 11 de setembro de 2001, presente na materialidade sincrética do enunciado como uma hipótese inicial da moradora. O ataque ao *World Trade Center* é um acontecimento primeiro, que permanece na memória e abre possibilidade para eventos futuros, num percurso durante o qual pode se transformar, ressurgir adiante ou desaparecer.

As condições para emergência desse enunciado são reguladas pelo arquivo, pois é ele que define o que pode ser dito, a singularidade dos enunciados. É no interior dele que falamos, fazendo recorrências às coisas ditas por tantos homens. Não produzimos discursos segundo o jogo das circunstâncias. Em tudo que dizemos, há uma *regularidade*, e quando a encontramos em uma série de *acontecimentos discursivos*, estamos diante da sua positividade, caracterizada aqui por uma (des)continuidade temática, que desempenha o papel de um *a priori* histórico, ou seja, a condição de emergência do enunciado, seu modo específico de ser, de coexistir com outros enunciado, se transformar e desaparecer.

Considerando que o enunciado, para Foucault (2008) insere-se num domínio associado, essa postagem relaciona-se com outras formulações que circulam em diferentes dispositivos midiáticos. Assim, podemos considerar que a mídia brasileira, ao espetacularizar a explosão no referido prédio, tornou-a um *acontecimento discursivo* (FOUCAULT, 2008) inscrito em uma rede de eventos trágicos, que têm o atentado de 11 de setembro como espaço de memória, como vimos na materialidade discursiva da notícia analisada. Podemos pensar também numa cadeia enunciativa, dispersa no terreno movediço da memória, sobre a qual deslindam acidentes e tragédias em outros edifícios no cenário nacional, os quais foram continuamente noticiados pela mídia, a exemplo do incêndio no edifício *Joelma*, em São Paulo, em 1974, e do desmoronamento do *Palace II*, no Rio de Janeiro, em 1998. Seguindo esse raciocínio, não é descabido aludirmos ao incêndio na boate *Kiss*, em 2013, na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Apesar de se tratar de um local de menores dimensões, a saturação de imagens desse acontecimento, em confluência com a ênfase na

quantidade de vítimas, serve de ingrediente para essa mistura de pavor que a mídia, não raro, prepara para o público.

Para Courtine (2008), a memória é lacunar, saturada, com eclipse, pois é produzida na ordem do discurso, que divide em fagulhas as lembranças dos eventos históricos, preenchidos na memória coletiva (HALBWACHS, 2003) de certos enunciados, organizando a recorrência de uns e consagrando a anulação ou a nulidade de outros. Embora se materialize linguisticamente em acontecimento discursivo, o acontecimento histórico sofre as determinações da memória discursiva na ordem do discurso (BARONAS, 2008). A mídia, ao fazer referências a esse acontecimento, o elege em detrimento de outro, pois a inscrição do acontecimento na memória se dá, segundo Courtine (1999) em uma regulação, que permite a sua recitação, ou em uma desregulação, que provoca seu esquecimento.

Conforme Baronas (2008, p. 196), “(in)significação, memória e esquecimento são os elementos que dão consistência à memória discursiva que sustenta os discursos que a grande mídia faz circular” acerca de diversos dizeres. Esses três elementos são constitutivos do discurso da grande mídia, pois ela regula o que pode e deve ser dito, colocado em circulação sobre um acontecimento histórico, segundo uma ordem discursiva.

A análise do discurso, por ser um campo que trabalha com a produção de efeitos de sentidos, realizada por sujeitos sociais, inseridos na história e que utilizam a materialidade do discurso, possibilita-nos analisar os sentidos que perpassam esse acontecimento discursivo, pondo-o em articulação com a história e a memória. Em nossa compreensão, os sentidos realizam um trajeto histórico e se inserem em uma rede de memória com outros discursos que circulam na sociedade, principalmente na mídia, que põe os enunciados em circulação de acordo com seus interesses em manter uma memória viva ou relegada ao esquecimento.

Ao discursivizar esse acontecimento, trazendo além dos sentidos oficiais o dos sujeitos ordinários do cotidiano, a mídia, nesse caso específico, a *Folha de S. Paulo*, inscreve-o no espaço de uma memória discursiva que sustenta o medo desencadeado globalmente pelos ataques terroristas. Essa postagem representa bem a forma como a grande mídia governa a população provocando medo (SOUSA, 2014), ao fazer circular acontecimentos trágicos que nos põe em num ininterrupto estado de alerta e pavor.

Considerações finais

A reflexão empreendida neste artigo colocou-nos diante de uma voz institucional midiática que traz diferentes posições de sujeito enunciativo, ou nos termos de Foucault (2008), de descontinuidades no plano da fala, na tessitura do relato midiático em torno de uma explosão num edifício residencial do Rio de Janeiro, em maio de 2015. Demos destaque, em nosso trabalho, à voz de uma moradora do referido edifício, cuja referência alude ao ataque às Torres Gêmeas em Nova Iorque, no fatídico setembro de 2001, buscando rastrear, na opacidade da materialidade sincrética desse enunciado, o funcionamento de uma genealogia do medo, provocado por ataques terroristas, cuja difusão ocorre em escala planetária, possibilitada pelos veículos de informação, ao noticiarem tragédias urbanas.

Ao produzir esses enunciados, a mídia trabalha com a memória discursiva e com o esquecimento, fazendo com que a espetacularização de acontecimentos trágicos seja mais que uma mera forma de noticiar e constitua-se em uma maneira de promover a difusão do medo, mantendo a sociedade em estado de atenção. A mídia, ao nos informar sobre tragédias urbanas, exerce sobre nós um *governo pelo medo*, conforme preconiza Courtine (2008). Esse governo, conforme demonstramos no decorrer do exercício analítico, está intrinsecamente relacionado às reverberações dos ataques nos Estados Unidos, por meio de uma cena teatral de aniquilação (ZIZEK, 2002), insufladas nessa atmosfera de terror advinda das mais diversas plataformas midiáticas.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade**: estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BARONAS, R. L. Discurso e mídia: memória, esquecimento e (in)significação. In: NAVARRO, P. (org.). **O discurso nos domínios da linguagem e da história**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CERVANTES, M. **Dom Quixote de la Mancha**. Trad. Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: LP & M Editores, 2005.

COURTINE, J.J. O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDUSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999.

_____. **Metamorfoses do discurso político**: as derivas da fala pública. Trad. Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006.

_____. Discursos sólidos, discursos líquidos: a mutação das discursividades contemporâneas. Trad. Carlos Piovezani. In SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. R. (orgs.). **Análise do discurso**: heranças, métodos e objetos. São Carlos: Editora Claraluz, 2008, p. 11-19.

_____. Discurso e imagens: para uma arqueologia do imaginário. Entrevista concedida a Vanice Sargentini, Carlos Piovezani e Luzmara Curcino. Trad. Carlos Piovezani. In: PIOVEZANI FILHO, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. M. O. **Discurso, semiologia e história**. São Carlos: Claraluz, 2011, p. 145-162.

DELUMEAU, J. **História do medo no Ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FONSECA-SILVA, C. Enunciados, objeto de discurso e memória. In: MILANEZ, N.; GASPAR, N. R. **A (des)ordem do discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: _____. **Estratégia, Poder-Saber**. Trad Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a (Ditos & Escritos IV), p.203-222.

_____. **A ordem do Discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 15ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

_____. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GREGOLIN, M. R. Apresentação. In: _____. **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

_____. **Análise do discurso e mídia**: a (re)produção de identidades, São Paulo: comunicação, mídia e consumo. v. 4, nº. 11, 2007, p.11- 25.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

MILANEZ, N. **As aventuras do corpo**: dos modos de subjetivação às memórias de si em revista impressa. 210 f. Tese (Doutorado), pelo Programa de pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2006.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 4ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. [et al.]. **Papel da Memória**. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999, p.49-57.

PUECH, C. A emergência do paradigma semiótico-estrutural na França. In: PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. **Discurso, semiologia e história**. São Carlos: Claraluz, 2011.

SOUSA, K. M. Dispositivo de segurança nos discursos do cotidiano urbano: o jogo entre medo e bem-estar. In: JÚNIOR, A. F.; _____. **Dispositivos de poder em Foucault: práticas e discursos da atualidade**. Goiânia: Gráfica UFG, 2014.

VEJA OS PRINCIPAIS ACIDENTES EM PRÉDIOS ALTOS NOS ÚLTIMOS ANOS, Folha de S. Paulo, 18. maio de 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u14678.shtml>>. Acesso em: 30. maio. 2015.

ZIZEK, S. **Bem-vindo ao deserto do real**: cinco ensaios sobre o onze de setembro e datas relacionadas. Trad. Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.